

SERRA-PILAR

13 de setembro de 2015 | ano 41 | Tempo Comum, 24º Domingo | 1923



**Estes não são seres humanos,
nossos irmãos e irmãs?**

O grau de civilização e de espírito humanitário de uma sociedade mede-se pela forma como ela acolhe e convive com os diferentes. Sob este aspeto a Europa oferece-nos um exemplo lastimável que raia a barbárie. O menino sírio de 3-4 anos afogado na praia da Turquia simboliza o naufrágio da própria Europa. Ela sempre teve dificuldades em aceitar e conviver com os “outros”.

Geralmente, a estratégia era e continua a ser esta: ou marginaliza o outro, ou o submete, ou o incorpora, ou o destrói. Assim ocorreu no processo de expansão colonial na África, na Ásia e principalmente na América Latina. Chegou a destruir etnias inteiras no Haiti e no México.

O limite maior da cultura europeia ocidental é a sua arrogância que se revela na pretensão de ser a mais elevada do mundo, de ter a melhor forma de governo (a democracia), a melhor consciência dos direitos, a criadora da filosofia e da tecnociência e, como se isso não bastasse, ser a portadora da única religião verdadeira: o cristianismo. Resquícios desta soberba aparecem ainda no Preâmbulo da Constituição da União Europeia. Aí se afirma claramente:

“O continente europeu é portador de civilização, que os seus habitantes a habitaram desde o início da humanidade em sucessivas etapas e que no decorrer dos séculos desenvolveram valores, base para o humanismo: igualdade dos seres humanos, liberdade e o valor da razão...”

Esta visão só em parte verdadeira. Ela esquece as frequentes violações destes direitos, as catástrofes que criou com ideologias totalitárias, guerras devastadoras, colonialismo impiedoso e imperialismo feroz que subjugarão e inviabilizaram inteiras culturas na África e na América Latina em contraste frontal com os valores que proclama. A situação dramática do mundo atual e as levas de refugiados vindos dos países mediterrâneos deve-se, em grande parte, ao tipo de globalização que ela apoia, pois configura, em termos concretos, uma espécie de ocidentalização tardia do mundo, muito mais que uma verdadeira globalização.

Este é o pano de fundo que nos permite entender as ambiguidades e as resistências da maioria dos países europeus em acolher os refugiados e imigrantes que vêm dos países do norte da África e do Oriente Médio, fugindo do terror da guerra, em grande parte, provocada pelas intervenções dos ocidentais (NATO) e especialmente pela política imperialista norte-americana.

Segundo dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) somente neste ano 60 milhões de pessoas viram-se forçadas a abandonar os seus lares. Só o conflito sírio provocou 4 milhões de desalojados. Os países que mais acolhem estas vítimas são o Líbano com mais de um milhão de pessoas (1,1 milhão) e a Turquia (1,8 milhões).

Agora, esses milhares buscam um pouco de paz na Europa. Somente neste ano cruzaram o Mediterrâneo cerca de 300.000 pessoas entre imigrantes e refugiados. E o número cresce dia a dia. A receção é carregada de má vontade, despertando na população de ideologias fascistóides e xenófobas, manifestações que revelam grande insensibilidade e até desumanidade. Foi somente depois da tragédia da ilha de Lampedusa, ao sul da Itália, quando se afogaram 700 pessoas em abril de 2014 que se

colocou em marcha uma operação *Mare nostrum* com a missão de rastrear possíveis naufrágios.

O acolhimento é cheio de percalços, especialmente, por parte da Espanha e da Inglaterra. A mais aberta e hospitaleira, apesar dos ataques que se fazem aos acampamentos dos refugiados, tem sido a Alemanha. O governo filo-fascista de Viktor Orbán da Hungria declarou guerra aos refugiados. Tomou uma medida de grande barbárie: mandou construir um muro de arame farpado de quatro metros altura ao longo de toda fronteira com a Sérvia, para impedir a chegada dos que vêm do Oriente Médio. Os governos da Eslováquia e da Polónia declararam que somente aceitariam refugiados cristãos.

Estas são medidas criminosas. Todos estes sofredores não são humanos, não são nossos irmãos e irmãs? Kant foi um dos primeiros a propor uma República Mundial (*Weltrepublik*) no seu último livro *A paz perpétua*. Dizia que a primeira virtude desta república deveria ser a *hospitalidade* como direito de todos e dever para todos, pois todos somos filhos da Terra.

Ora, isso está a ser negado vergonhosamente pelos membros da Comunidade Europeia. A tradição judaico-cristã sempre afirmou: quem acolhe o estrangeiro, está a hospedar Deus anonimamente. Valham-nos as palavras da física quântica que melhor escreveu sobre a inteligência espiritual – Danah Zohar: " A verdade é que nós e os outros somos um só, que não há separação, que nós e o 'estranho' somos aspetos da única e mesma vida" (*QS: consciência espiritual*, Record 2002, p. 219). Como seria diferente o trágico destino dos refugiados se estas palavras fossem vividas com paixão e compaixão.

Leonardo Boff

<https://leonardoboff.wordpress.com/2015/09/03/estes-nao-sao-seres-humanos-nossos-irmaos-e-irmas/>



Soneto de Lamentação

Há um menino a dormir na areia
um sono mais que profundo:
é o sono de todo mundo
sem sonho, sem vida, sem veia.
As águas trouxeram o menino
sem mãe, sem pai e sem terra,
despojo e despejo de guerra
lançado ao mar, sem destino.
O choro é tão forte e agudo
que, por desgosto, se espalha
no rosto de todo mundo.
E um pouco da minha esperança
padece, afogada na praia,
no corpo desta criança.

José Barbosa Júnior (03-09-2015)

Artistas desenham o “naufrágio da humanidade”

Um dia depois de terem sido divulgadas as fotografias de Aylan Kurdi [<http://expresso.sapo.pt/internacional/2015-09-02-Naufragos-da-humanidade>], o menino sírio de três anos cujo corpo deu à costa na praia turca de Bodrum, vários cartoonistas reagiram às imagens com a publicação de cartoons nas redes sociais.

Um desenho do artista sírio Juan Zero, conhecido pelos seus cartoons sobre a revolução síria e os ataques levados a cabo pelo Presidente sírio Bashar al-Assad contra a população do país, mostra um soldado parado diante do corpo do rapaz, a quem pergunta: "Preferes a Alemanha ou a Suécia"?



Outro cartoon, assinado pelo artista Bilal Musa, mostra um camião a descarregar "likes" junto ao corpo de Aylan Kurdi, enquanto outra imagem, divulgada pela comunidade online [Muslim Mamas](https://www.facebook.com/MuslimMamas/info?tab=page_info) [https://www.facebook.com/MuslimMamas/info?tab=page_info], mostra um grupo de homens do Golfo Pérsico, representados a preto e branco e de pá na mão, a abrir uma campa para sepultar o rapaz, representado a cores. Na legenda, lê-se: **"Número de refugiados recebidos pela Arábia Saudita, Kuwait, Qatar e Emirados Árabes Unidos: 0"**.





Um cartoon da autoria do artista iraniano Mahnaz Yazdani, intitulado **"À Procura de uma Terra Segura"**, mostra várias crianças de rosto alegre e peluches na mão a dormirem na areia, cobertas pelas ondas que chegam do mar.



Khalid Albaih, cartoonista, ilustrador, designer e escritor sudanês a viver em Doha, no Qatar, tornado conhecido pelos seus cartoons sobre a Primavera Árabe, desenhou o menino a ser levado por um anjo, enquanto o seu corpo permanece prostrado na areia. Na legenda, lê-se: **"Espero que a humanidade encontre uma cura para os vistos"**.



Rafat Alkhateeb, artista a viver em Omã, na Jordânia, desenhou o menino sobre um mapa separado do mundo por um muro com arame farpado. Em entrevista ao *"Independent"*, Rafat Alkhateeb disse que **"a principal ideia do cartoon é que uma criança não se preocupa com as guerras e os crimes". "A criança só sabe uma coisa: que o mundo inteiro é responsável pela sua morte".**



por Helena Bento. Jornalista

<http://expresso.sapo.pt/internacional/2015-09-03-Cartoonistas-do-Medio-Oriente-reagem-a-fotografia-do-menino-sirio> (03-09-2015)

Uma criança é o mundo inteiro

A morte de uma criança é uma afronta, um grito da vida contra a morte. Uma criança morta na praia, no lugar em que acontece esse idílio do mar com a terra e que aí não espalha felicidade, mas o terrível som de uma notícia de que chove como o pranto no coração. Uma criança morta na praia, em busca de refúgio no mundo, fugindo da guerra, fugindo do som cruel das armas e também da fome.

O comentário é de **JUAN CRUZ**, foi publicado por *El País*, em 02-09-2015.

Essa imagem da criança síria morta numa praia turca, a desolação que apresenta o gesto do guarda que foi salvá-lo, a luz, a praia, essa costa que parece um símbolo da própria passagem descalça da criança por um mundo que já não vai recebê-lo nunca, nem a ele nem a muitos. É um poema comovente, um réquiem



como aquele que entoava José Hierro: é uma criança como milhões de crianças, um ser humano que já ri, pergunta e persegue sombras como se fossem brinquedos.

A machadada cruel dos nossos tempos faz dela o retrato com o qual a consciência do mundo há de conviver como expressão dessa afronta. O guarda fez o gesto desesperado; mas antes do guarda foi o mundo que não soube salvá-la; o guarda foi o herói dos olhos tristes, fez tudo o que podia. O mundo não soube salvá-la. O seu único destino, o dos seus pais, o dos seus passos, era sobreviver; o seu horizonte não era sequer viver, ter profissão, amores e despedidas: o seu destino, esse que agora jaz sem vida no mundo, era o de desenhar na areia a casa, o barco, e já não há nem casa nem barco nem nada. Não há nada.

O mundo levou-lhe tudo: nem este nem aquele, nem este país nem este outro: o responsável por esta terrível expressão dos nossos tempos é o mundo inteiro, porque a criança é também o mundo inteiro.

As suas mãos são os desenhos que deixa, o seu corpo de três ou quatro anos é o que resta da árvore que ela teria imaginado que era a vida, e antes da hora soube que o mundo não sabe salvar as crianças, porque também desconhece como se salvar. Aí jaz, nessa praia, o mundo inteiro.

O Garoto de Charlot não passou da praia

Imagem: um menino de borce numa praia. Como se aquele filme maior da nossa compaixão, *O Garoto de Charlot*, um homem pobre dando a mão a um miúdo, logo à primeira imagem dissesse: "*The end.*" Então, outro filme de Chaplin, *A Quimera do Ouro*. Charlot, imigrante na América, atravessa mais uma fronteira, a canadiana. Como milhares de outros garimpeiros, ele partiu para a região do Klondike, na última corrida do ouro, em 1897. Não foi fácil, lembrem-se da imagem de Charlot comendo a bota, cozendo a sola, sugando pregos, lambendo atacadores... Mas no final ele já é feliz, vemo-lo rico e com a amada. Filme? Não só, aconteceu a gente de verdade. Friedrich Drumpf, por exemplo, imigrante alemão, foi barbeiro em Nova Iorque, perseguiu a quimera até Klondike, voltou aos Estados Unidos, fez família e deixou bons americanos. Esse chegou à praia e pelo seu pé avançou para uma nova vida, fez seu o novo país. Os seus netos devem estar agradecidos por o avô ter chegado ao porto, sussurrado "América, América..." e entrado. O menino de ontem não passou da praia, não terá netos. Já Friedrich Drumpf teve netos. Um deles usa o nome Drumpf, mas americanizado, Trump, Donald Trump. No mundo, o da perpétua viagem, os cidadãos têm sempre velhos antepassados imigrantes. Para alguns, como o novo Trump, os novos imigrantes "trazem drogas, crime, são violadores e suponho que alguns são boas pessoas". Era ideia para epitáfio, na praia: "Talvez boa pessoa."

Ferreira Fernandes. Jornalista
Diário de Notícias, 3 setembro 2015

